

EDITORIAL

A ARQUITETURA DA EDUCAÇÃO E A DISTÂNCIA EM RELAÇÃO À LITERATURA E A CIDADANIA

Natal/RN, 10 de janeiro de 2023.

O Séc. XXI apresentou ao mundo uma sociedade em conflito com a cidade, sem o cidadão e com uma cidadania perdida pelo caminho. É necessário, primeiro, que haja compreensão do espaço-tempo hoje habitado por pessoas deslocadas do território da sociabilidade, embora este terreno esteja denominado de sociedade. A velocidade apontada pelo avanço das comunicações, das redes sociais e das mídias sociais encurtou distâncias e diminuiu a edificação da sociabilidade.

Por outro lado, avançou-se na arquitetura de cidades cada vez menos possíveis de serem habitadas, embora estejam sempre com uma população crescente. O crescimento das áreas urbanas não significou, portanto, um aumento de laços sociais edificados. Pelo contrário, estamos a assistir um distanciamento do indivíduo em relação ao cidadão pensado na pólis do universo político grego à época de Aristóteles.

Neste esteio não podemos deixar de perceber ser o presente momento crítico à educação enquanto reflexo da formação de alunos distanciados da prática da leitura no território da literatura e, por consequente, com baixo nível cultural e com um universo de palavras diminuto. São estudantes reféns de dicionários e de estruturas de textos ausentes da reflexão do aluno porque na sala de aula lhe foi tolhido o direito à literatura. Qual seria, então, a relação destas palavras com Educação e Cidadania?

A cidadania não é, como muitos defendem, o exercício dos direitos políticos ou o ato, simples, de ser portador de documentos que o atrelam ao Estado e, consequentemente, dizem onde este pseudocidadão deve existir, ou não. A cidadania necessita, para sua existência, da prática cidadã na defesa de valores políticos, sociais, culturais, jurídicos e filosóficos. Isto não é, portanto, o ser pertencente a um conjunto de documentos.

Educação e Cidadania não são complementares, mas são duas palavras a formar o ser político como pensado por Aristóteles. Quando o Estado, ou mesmo a sociedade, tolhe

o direito à literatura e à leitura em seu sentido mais amplo, está formando cidadãos distantes do habitat citadino e sem conhecimento ao exercício do ser cidadão. São caminhantes perdidos em vielas no território de áreas urbanas crescentes e a colocar os cidadãos em um processo de invisibilização social.

A imperiosa velocidade das mídias sociais exige do habitante do tecido social uma leitura mais rápida para a qual o mesmo não está preparado a realizar. Estamos a falar de cidadãos obrigados a caminhar por ruas e avenidas em tempo curto quando desconhecem o sentido do caminhar por desconhecerem a leitura, a literatura.

Neste sentido, a Revista Amplamente realiza um caminho inverso ao proporcionar a necessária reflexão a partir de textos interconectados advindos de saberes distintos a formar o conhecimento científico. É preciso refletir acerca da perda de espaço imposto à literatura clássica enquanto estrada a nos levar a uma rua sem saída e a existência de cidadãos sem condições políticas e sociais de existirem. É possível a convivência do velho texto clássico da literatura com a velocidade das mídias sociais nas ruas e avenidas das cidades e metrópole. Elas convivem, apenas não são percebidas, nas ruas e avenidas por onde caminham, na velocidade da luz, os algoritmos arquitetos do mundo digital em que está alicerçada a presente sociedade.

É preciso, portanto, reatar os laços indissociáveis que foram rompidos entre Educação e Cidadania. E, por este prisma, é a Revista Amplamente um excelente caminho.

José Flor de Medeiros Junior

<http://lattes.cnpq.br/1052314496186934>

E-mail: jfmjmedeiros@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-01>